

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Brasil: A mudança esta em nossas maos [Brazil: Change is in our hands]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Alberti, Ari
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-30 12:27:56
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163023

desenvolvimento. Temos tudo para que seja um desenvolvimento limpo e sustentável e que torne o nosso povo feliz e que possa ajudar os outros povos nos graves problemas que a humanidade está

enfrentando. Na realidade, existem dois colapsos civilizatórios, o dos combustíveis fósseis e o do efeito estufa. Só o Brasil teria condições naturais de resolver esses dois problemas cruciais da humanidade.

Brasil: A mudança está em nossas mãos. O Grito dos Excluídos

Entrevista com Ari Alberti

Pela décima primeira vez consecutiva, o Grito dos Excluídos ecoará por todo Brasil no dia 7 de setembro. O evento, que deve contar com a participação de 1800 comunidades, tem em 2005 o lema Brasil: Em Nossas Mãos a Mudança. A redação da revista *IHU On-Line* conversou com Ari Alberti, da coordenação nacional do **Grito dos Excluídos**.

Ari Alberti, gaúcho, participa da coordenação do Grito dos Excluídos desde o início, em 1995. Ele era, então, da coordenação nacional da 2ª Semana Social Brasileira, donde nasce a iniciativa do **Grito dos Excluídos**. O tema da 2ª Semana Social Brasileira era: O Brasil que a gente quer e realizou-se nos anos 1992 a 1994.

Ari Alberti, há muitos anos radicado em São Paulo, trabalha no Serviço Pastoral dos Migrantes – SPM.

***IHU On-Line* – Qual é o objetivo do Grito dos Excluídos em 2005?**

Ari Alberti - O Grito dos Excluídos tem 11 anos de história e seus objetivos são três e permaneceram ao longo dos anos: denunciar a situação de exclusão, ser um espaço de voz de manifestação dos excluídos e apontar, sinalizar possíveis saídas. Como é um evento descentralizado, cada local, depois, terá seus objetivos específicos.

***IHU On-Line* - Onde o movimento é mais forte?**

Ari Alberti - Sempre quisemos caracterizar o Grito como algo descentralizado e não um espaço para discurso de lideranças. Queremos desencadear um processo, e não ser apenas um evento. Assim se pode passar informação e ajudar no protagonismo do povo. É claro que em Aparecida, São Paulo, tem toda uma tradição, tem a Romaria dos Trabalhadores, que acontece

há 18 anos no mesmo dia. Aparecida serve como caixa de ressonância. Mas tivemos em Salvador, no ano passado quase 40 mil pessoas, em Recife e Fortaleza, reunimos 10 mil pessoas. Tem esses grandes atos, mas o Grito acontece nas comunidades do interior com 50, 60 pessoas, com a mesma simbologia, o mesmo lema. Isso é muito bonito, tem essa integração. A primeira edição aconteceu em 175 localidades. Agora, projetamos algo em torno de 1800 comunidades.

***IHU On-Line* – Quem são os excluídos?**

Ari Alberti - No Brasil, a população é de 180 milhões de habitantes. Quem decide o que será produzido e consumido pensa em uma população de 50 milhões de habitantes. É um grande mercado consumidor. E os outros 130 milhões? Não se pensa neles. Essas pessoas são os excluídos. O desempregado, o cara que não tem casa, não tem terra, não tem acesso à saúde,

educação, quem mora na rua, o portador de deficiência, os negros, os indígenas. *Brasil: em nossas mãos a mudança* é o lema do Grito deste ano. Ou a sociedade se organiza e vai à luta ou as mudanças não acontecerão.

***IHU On-Line* – Como vocês se aproximam dessas pessoas?**

Ari Alberti - O processo é muito interessante. Convidar as pessoas e levá-las à manifestação não é o mais difícil. O mais difícil é tê-las nas reuniões quando se discute o evento. Isso é importante para que elas possam se sentir sujeitos. É mais lento, mais demorado, mas, sem mobilização, não haverá mudança. E a mudança acontece de baixo para cima. De cima para baixo, ocorrem, no máximo, reformas. Em São Paulo, por exemplo, o pessoal vai começar a caminhar no dia 5. Vai sair da periferia e passar por vários bairros da cidade. No dia 6, à noite, chegará à Praça da Sé e dormirá na escadaria. No dia 7, de manhã haverá uma celebração na Catedral. De lá, todos irão até o Monumento do Ipiranga, onde será encerrado o Grito.

***IHU On-Line* – Qual é a posição do Grito dos Excluídos em relação à crise que o País vive?**

Ari Alberti - O primeiro grito, em 1995, trazia como lema *A vida em primeiro lugar*.

Quando se fala isso, faz, de forma diferente, uma denúncia contra o neoliberalismo. É preciso inverter a situação que estamos vivendo. O que tem de estar em primeiro lugar é a dignidade da pessoa. Acreditamos que o Brasil precise de um projeto popular de desenvolvimento nacional que dê conta de resolver, em primeiro lugar, os problemas do povo brasileiro. É o sonho, o horizonte. Independentemente de quem esteja no governo, é preciso mudar esse modelo econômico que existe aí. A questão da corrupção que agravou essa situação.

***IHU On-Line* – Como se poderia fazer isso?**

Ari Alberti - É preciso uma reforma política e mudar essa forma de democracia representativa. As pessoas não se sentem mais representadas. A sociedade precisa ter participação. Se votou e o cara não fez, tem que ter o direito de tirá-lo de lá. Essa é a questão. É por aí que estamos batalhando. Não é uma questão de tirar o Presidente, tem que mudar o modelo. Obviamente é necessário que se devolva aos cofres públicos o dinheiro que foi roubado por aí para que seja revertido em benefícios, saúde, educação, reforma agrária, geração de emprego. O grito também é por uma auditoria pública da dívida externa. É pela autonomia, liberdade e soberania do povo.